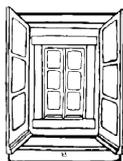


A BALADA DO VELHO MARINHEIRO



edições do
saguão

2017

TÍTULO ORIGINAL: THE RIME OF THE ANCIENT MARINER

CAPA, CONTRACAPA E ILUSTRAÇÕES
a partir de cinco das gravuras de Gustave Doré
para a edição de 1876 do poema
(Doré Gallery, Londres)

tradução: ALBERTO PIMENTA

paginação e capa: RUI MIGUEL RIBEIRO

sugestão musical (pausa de semínima): MIGUEL FERREIRA

revisão: MARIANA PINTO DOS SANTOS E RUI MIGUEL RIBEIRO

1ª EDIÇÃO, SETEMBRO DE 2017

ISBN 978-989-99944-0-9

S. T. COLERIDGE

A BALADA
DO
VELHO MARINHEIRO



· TRADUÇÃO DE ALBERTO PIMENTA ·

edição bilingue

THE RIME
OF THE
ANCIENT MARINER

IN SEVEN PARTS

A BALADA
DO
VELHO MARINHEIRO

EM SETE PARTES

THE RIME
OF THE
ANCIENT MARINER

IN SEVEN PARTS

*An ancient Mariner
meeteth three
Gallants bidden to
a weddingfeast, and
detaineth one.*

IT is an ancient Mariner,
And he stoppeth one of three.
“By thy long grey beard and glittering eye,
Now wherefore stopp’st thou me?

The Bridegroom’s doors are opened wide,
And I am next of kin;
The guests are met, the feast is set:
May’st hear the merry din.”

He holds him with his skinny hand,
“There was a ship,” quoth he.
“Hold off! unhand me, grey-beard loon!”
Eftsoons his hand dropt he.

*The Wedding-Guest
is spellbound by
the eye of the old
seafaring man, and
constrained to hear
his tale.*

He holds him with his glittering eye —
The Wedding-Guest stood still,
And listens like a three years’ child:
The Mariner hath his will.

A BALADA
DO
VELHO MARINHEIRO

EM SETE PARTES

É um velho Marinheiro
E aborda um desses três.

“Por tuas barbas grisalhas † e pelo fulgor dos teus olhos,
Diz por que é que me deténs!

A casa do noivo está † aberta de par em par
Estão já os convidados † o banquete preparado,
Ouvem-se as vozes festivas,
E eu sou parente chegado.”

Prende-o na mão descarnada † e assim começa a falar:
“De certa vez um navio...” † “Basta, barbudo, és tonto,
Larga-me, tira essa mão!”
A mão solta-se de pronto.

Com a luz dos olhos o prende; † imóvel o Convidado
Escuta como um menino † de três anos de idade:
Assim faz o Marinheiro
O que tinha na vontade.

*Um velho Marinheiro
cruza-se com três
distintos cavalheiros
que se dirigem para
uma boda, e detém um
deles.*

*O Convidado fica
submetido ao encanta-
mento do olhar do velho
mareante, e não pode
deixar de escutar a sua
história.*

The ice did split with a thunder-fit;
The helmsman steer'd us through!

And, lo! the Albatross proveth a bird of good omen and followeth the ship as it returned northward through fog and floating ice.

And a good south wind sprung up behind;
The Albatross did follow,
And every day, for food or play,
Came to the Mariner's hollo!

In mist or cloud, on mast or shroud,
It perch'd for vespers nine;
Whiles all the night, through fog-smoke white,
Glimmered the white Moon-shine."

The ancient Mariner inhospitably killeth the pious bird of good omen.

"God save thee, ancient Mariner!
From the fiends, that plague thee thus!—
Why look'st thou so?"—"With my cross-bow
I shot the Albatross."

PART THE SECOND.

THE Sun now rose upon the right:
Out of the sea came he,
Still hid in mist, and on the left
Went down into the sea.

And the good south wind still blew behind,
But no sweet bird did follow,
Nor any day for food or play
Came to the mariners' hollo!

O gelo rachou então † com um fragor de trovão:
O homem que ia ao leme † tinha-nos feito passar.

Levantou-se atrás de nós † um vento sul de feição,
Seguiu-nos o Albatroz;
E depois dia trás dia † para comer ou para brincar,
Vinha ter com os marinheiros † que o chamavam de alta voz.

*Sucedede que o Albatroz
revela ser ave de bom
agouro, e segue o
navio, que se fez para
Norte envolto em névoa
e por entre blocos de
gelo flutuante.*

Entre névoa ou entre nuvens † sobre os mastros, sobre os cabos,
Nove noites foi pousar.
Entretanto a noite inteira † entre o branco nevoeiro,
Brilhava o baço luar.”

“Deus te defenda, Marujo † de todos os inimigos!
Porquê esse olhar atroz?”
“Com o arco e uma seta
Eu matei o Albatroz.”

*Quebrando a devida
hospitalidade, o velho
Marinheiro mata a
piedosa ave de bom
agouro.*

PARTE II

ERA à direita agora † que o sol se levantava,
Também de dentro do mar;
Sempre em névoa oculto † à esquerda inclinava o vulto
Para de novo ao mar voltar.

Continuava soprando † o vento sul de feição,
Mas já sem ave ditosa † que viesse ao pé de nós;
Para comer ou para brincar,
Não mais tornaria a vir † aos apelos de alta voz.

*And the Albatross
begins to be avenged.*

Water, water, every where,
And all the boards did shrink;
Water, water, every where,
Nor any drop to drink.

The very deep did rot: O Christ!
That ever this should be!
Yea, slimy things did crawl with legs
Upon the slimy sea.

*A Spirit had fol-
lowed them; one of
the invisible inhab-
itants of this planet,
neither departed
souls nor angels;
concerning whom
the learned Jew,
Josephus, and the
Platonic Constanti-
nopolitan, Michael
Psellus, may be
consulted. They are
very nume rous, and
there is no climate or
element without one
or more.*

About, about, in reel and rout
The death-fires danced at night;
The water, like a witch's oils,
Burnt green, and blue and white.

And some in dreams assured were
Of the spirit that plagued us so:
Nine fathom deep he had followed us
From the land of mist and snow.

And every tongue, through utter drought,
Was withered at the root;
We could not speak, no more than if
We had been choak'd with soot.

*The shipmates, in
their sore distress,
would fain throw the
whole guilt on the
ancient Mariner: in
sign whereof they
hang the dead sea-
bird round his neck.*

Ah! well a-day! what evil looks
Had I from old and young!
Instead of the cross, the Albatross
About my neck was hung.

Água, água a toda a volta
e as pranchas a encolher;
Água, água a toda a volta,
E nem gota para beber.

*E principia a ser
vingado o Albatroz.*

O oceano apodrecia:
Meu Deus, meu Deus e que isto † se haja podido passar!
Viam-se ali rastejar † seres de lama com patas
Por sobre a lama do mar!

Pela noite à roda, à roda † à roda em tonta ciranda,
Dançava o corpo-santo;
Entretanto a água ardia † como luz de bruxaria
Em azul e verde e branco.

*Seguira-os um Espí-
rito; um dos habitan-
tes invisíveis deste
planeta, nem almas
desencarnadas nem
anjos; acerca dos quais
podem consultar-se o
sábio Judeu Josephus,
e Michael Psellus, o
Platónico de Cons-
tantinopla. São muito
numerosos, e não há
região ou elemento
que não possua um
ou mais.*

A uns em sonho aparecia † o Espírito que infligia
Este tormento profundo:
Desde a terra da neblina † vinha no nosso encalço
A nove braças de fundo.

E a língua toda ela † de secura e de míngua
Mirrava até à origem.
Não podíamos falar. † Seria o mesmo que estar
Sufocados com fuligem.

Ai de mim, novos e velhos † todos eles me fulminavam
Com olhar ameaçador:
Ao pescoço em vez da cruz
O Albatroz me vieram pôr.

*Os companheiros da
equipagem desobrigam-
-se, assacando culpa
inteira do seu penoso
tormento ao velho
Marinheiro; em sinal
disso, penduram-lhe a
ave morta ao pescoço.*

PART THE THIRD

THERE passed a weary time. Each throat
Was parched, and glazed each eye.
A weary time! a weary time!
How glazed each weary eye,
When looking westward, I beheld
A something in the sky.

*The ancient Mariner
beholdeth a sign in
the element afar off.*

At first it seemed a little speck,
And then it seemed a mist:
It moved and moved, and took at last
A certain shape, I wist.

A speck, a mist, a shape, I wist!
And still it near'd and neared:
As if it dodged a water-sprite,
It plunged and tacked and veered.

*At its nearer
approach, it seemeth
him to be a ship; and
at a dear ransom he
freeth his speech from
the bonds of thirst.*

With throats unslacked, with black lips baked,
We could nor laugh nor wail;
Through utter drought all dumb we stood!
I bit my arm, I sucked the blood,
And cried, A sail! a sail!

A flash of joy;

With throats unslacked, with black lips baked,
Agape they heard me call:
Gramercy! they for joy did grin,
And all at once their breath drew in,
As they were drinking all.

PARTE III

Foi um tempo desolado.
Tínhamos os olhos vidrados † e a garganta ressequida.

Desolado! Desolado!

O olhar vidrado e sem vida.

Foi então que de repente † no céu para Ocidente,
Vi qualquer coisa sumida.

Muito ao longe, o velho Marijo divisa um ponto no elemento.

Primeiro parecia mancha † depois parecia bruma,
Vinha cada vez mais perto,
E acabou por ganhar forma,
Uma forma, eu estou certo.

Mancha, bruma, forma, é certo!

E mais e mais se acercava:

Como querendo escapar † a um espírito do mar
Ia e vinha e mergulhava.

Com os lábios recozidos † e a garganta a escaldar,
Perdidos, mortos de sede † e todos emudecidos,
Sem poder rir nem chorar!

Mordi o braço e chupei † sangue do braço chupei
Para lhes dizer: Vela à vista! † E duas vezes gritei.

À medida que ele se vai aproximando, parece-lhe um navio, e, por um rico resgate, consegue livrar a voz amordaçada pela sede.

Com os lábios recozidos † e a garganta a escaldar,
Eles me ouviram dizer:

Louvado Deus! E mostraram † a alegria num esgar.
E todos ao mesmo tempo † contendo um fundo alento,
Mais pareciam beber.

Um vislumbre de alegria

And every soul, it passed me by,
Like the whizz of my Cross-bow!

PART THE FOURTH.

*The Wedding-Guest
feareth that a Spirit
is talking to him;*

“**I** FEAR thee, ancient Mariner!
I fear thy skinny hand!
And thou art long, and lank, and brown,
As is the ribbed sea-sand.

*But the ancient
Mariner assureth
him of his bodily
life, and proceedeth
to relate his horrible
penance.*

I fear thee and thy glittering eye,
And thy skinny hand, so brown.”—
Fear not, fear not, thou Wedding-Guest!
This body dropt not down.

Alone, alone, all, all alone,
Alone on a wide wide sea!
And never a saint took pity on
My soul in agony.

*He despiseth the
creatures of the calm,*

The many men, so beautiful!
And they all dead did lie:
And a thousand thousand slimy things
Lived on; and so did I.

*And envieth that
they should live, and
so many lie dead.*

I looked upon the rotting sea,
And drew my eyes away;
I looked upon the rotting deck,
And there the dead men lay.

Cada um por mim passou
Sibilando como a seta † e o Arco que a tinha lançado.

PARTE IV

“TENHO-TE MEDO, Marujo!
Tenho medo, tenho medo † da tua mão a descarnar!
E tu és alto e macilento
E sulcado como a areia † em que o mar foi quebrar.

*O Convidado teme ser
um espírito que lhe
está a falar.*

Tenho-te medo, Marujo † e aos teus olhos faiscantes,
Tenho medo à tua mão † que mirrou e escureceu!”
Não, Convidado, não temas,
Que este corpo não morreu.

*Mas o velho Ma-
rinheiro assegura-o
da sua existência
corpórea, e continua
a narrar o horror da
sua pena.*

Ninguém, mais ninguém, eu só,
Só num vasto mar sem fim.
E jamais houve um santo
Que se apiedasse de mim.

Os vivos louvados sejam
E todos mortos jaziam.
Entanto juntos comigo
Mil seres de lama viviam.

*Sente desprezo pelas
criaturas da calema.*

Olho a podridão do mar,
Logo os olhos se desviam;
Olho o podre do convés,
Aí os mortos jaziam.

*E deplora que tenham
vida, e que tantos ho-
mens estejam mortos.*

*homes, which they
enter unannounced,
as lords that are cer-
tainly expected, and
yet there is a silent
joy at their arrival.*

*By the light of the
Moon he beholdeth
God's creatures of
the great calm.*

*Their beauty and
their happiness.*

*He blesseth them in
his heart.*

*The spell begins to
break.*

Beyond the shadow of the ship,
I watch'd the water-snakes:
They moved in tracks of shining white,
And when they reared, the elfish light
Fell off in hoary flakes.

Within the shadow of the ship
I watched their rich attire:
Blue, glossy green, and velvet black,
They coiled and swam; and every track
Was a flash of golden fire.

O happy living things! no tongue
Their beauty might declare:
A spring of love gushed from my heart,
And I blessed them unaware:
Sure my kind saint took pity on me,
And I blessed them unaware.

The self-same moment I could pray;
And from my neck so free
The Albatross fell off, and sank
Like lead into the sea.

PART THE FIFTH

OH Sleep! it is a gentle thing,
Beloved from pole to pole!
To Mary Queen the praise be given!

Olhando para lá da sombra † vi as serpentes marinhas:
Moviam-se ao longo de linhas
Cujo rasto alvejava.
De cada vez que se erguiam † uns brancos flocos caíam
E eram luz encantada.

*se apresentar, como
senhores seguramente
esperados, e no entanto
recebidos com uma
silenciosa alegria.*

E para cá dessa sombra † via os seus ricos enfeites:
Azul, negro aveludado † e ainda lustro esverdeado.
Enroscavam-se e nadavam,
E a luz que no mar deixavam
Era um feixe delineado † todo a fogo dourado.

*Ao luar contempla as
criaturas de Deus que
habitam a calema.*

Felizes seres viventes! † Sua beleza ninguém
Poderia descrever;
Do coração me brotou † uma nascente de amor
E abençoei-os sem saber:
De mim se apiedou † o meu santo protector
E abençoei-os sem saber.

*A sua beleza e a sua
felicidade.*

*Abençoa-as no mais
fundo do coração.*

Nesse instante eu orei:
Como se fosse de chumbo,
Desprendeu-se o Albatroz
E sumiu-se no profundo.

*O encantamento come-
ça a quebrar-se.*

PARTE V

AH o Sono, o sono é doce
AE é amado em todo o mundo.
Mãe do Céu seja louvada!

O sweeter than the marriage-feast,
'T is sweeter far to me,
To walk together to the kirk
With a goodly company!—

To walk together to the kirk,
And all together pray,
While each to his great Father bends,
Old men, and babes, and loving friends
And youths and maidens gay!

*And to teach, by
his own example,
love and reverence to
all things that God
made and loveth.*

Farewell, farewell! but this I tell
To thee, thou Wedding-Guest!
He prayeth well, who loveth well
Both man and bird and beast.

He prayeth best, who loveth best
All things both great and small;
For the dear God who loveth us,
He made and loveth all.

The Mariner, whose eye is bright,
Whose beard with age is hoar,
Is gone: and now the Wedding-Guest
Turned from the bridegroom's door.

He went like one that hath been stunned,
And is of sense forlorn:
A sadder and a wiser man,
He rose the morrow morn.

Mais doçura que essa boda,
Mais doçura e alegria
Sinto em ir até à igreja
Numa boa companhia.

Ir em boa companhia
E depois todos rezarem
E ante Deus-Pai se curvarem;
Tanto os velhos e os meninos † como os bons amigos nossos
E as donzelas e os moços.

Adeus, adeus Convidado;
Ainda te quero dizer
Que apenas sabe rezar † aquele que sabe amar
Tanto o homem e a ave † como qualquer outro ser.

*E a ensinar, através do
seu exemplo, o amor
e respeito por todas
as criaturas que Deus
criou e ama.*

E para rezar melhor † deve amar com muito amor
Tanto os seres das alturas † como os ínfimos da lama,
Que Deus que nos ama a nós
Todos fez e todos ama.

Foi-se embora o Marinheiro † velho de olhar cintilante
E barbas brancas do tempo;
Foi-se embora o Convidado,
Sem ter ido ao casamento.

Foi-se embora aturdido,
Foi-se embora transtornado:
Acordou ao outro dia
Mais grave e mais avisado.



Olhando para lá da sombra
vi as serpentes marinhas.



A BALADA DO VELHO MARINHEIRO
de S. T. COLERIDGE

foi traduzida por ALBERTO PIMENTA em 1960:
era parte da sua tese de licenciatura, e ficou
desde aí no saguão. Sai agora dele para
outro, que lhe escolheu fato num cé
lebre estilista francês; A. P. cor
respondeu, lavando a roupa
interior (passados estes a
nos todos, certas peças
era capaz de ser
aconselhável,
se não obri
gaçã
o)
.

Edições do Saguão, 01